

Onde estão as filósofas?

Where are the women philosophers?

NELSI KISTEMACHER WELTER¹ / AMANDA VICTÓRIA MILKE FERRAZ DE CARVALHO² / ANA MARCIA WIEZZER SILVA³ / EDUARDO ADAM ALVES DE SIQUEIRA GONÇALVES⁴ / JOÃO FRANCISCO DE OLIVEIRA TRUCCOLO⁵ / LARISSA CRISTINA CORDEIRO⁶ / PAOLA CRISTIANE SCHROEDER DOS SANTOS⁷ / THIAGO LUAN QUEIROZ⁸ / LEONAN COELHO DA COSTA⁹ / VITÓRIA NUNES DA SILVA DE SOUZA¹⁰

Resumo: A Oficina Didática de Filosofia, intitulada “Onde estão as filósofas?”, emerge como um convite reflexivo à investigação da lacuna histórica das mulheres no cânone filosófico. Essa inquirição não somente aponta para o silenciamento sistemático das vozes femininas, mas também questiona as estruturas subjacentes que perpetuam tal exclusão. Através de uma metodologia lúdica, fomentamos a integração e a profundidade reflexiva entre os participantes, desvelando contribuições significativas de filósofas de diversas eras ao tecido da história do pensamento filosófico. Com a intenção de iluminar essas presenças muitas vezes ofuscadas, a oficina propõe um mergulho nas vidas e obras de mulheres filósofas, cujas ideias transgressoras atravessaram os limites do seu tempo. Este espaço dialógico busca não apenas reconhecer, mas reivindicar o lugar dessas pensadoras na narrativa filosófica, desafiando os participantes a refletirem sobre a importância da inclusão dessas contribuições no panorama atual da filosofia, bem como em outros domínios do conhecimento.

¹ Doutora em Filosofia; Professora do Curso de Filosofia e do PPGFIL da UNIOESTE; Tutora do PET Filosofia. E-mail: professoranelsiwelter@gmail.com

² Graduada em Filosofia pela UNIOESTE (2023). Bolsista de Apoio Técnico no projeto de pesquisa *Tradução da Correspondência de René Descartes* – CNPq. E-mail: mandamilke@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-8095-0053>.

³ Graduada em Filosofia pela UNIOESTE. Bolsista do PET Filosofia pela CAPES. E-mail: anawiezzzer@gmail.com

⁴ Graduando em Filosofia pela UNIOESTE. Bolsista do PET Filosofia pela CAPES. E-mail: eduardo.adam2020@gmail.com

⁵ Graduando em Filosofia pela UNIOESTE. Voluntário do PET Filosofia. E-mail: joao.truccolo@unioeste.br

⁶ Graduanda em Filosofia pela UNIOESTE. Bolsista do PET Filosofia pela CAPES. E-mail: larissacrist.cordeiro@gmail.com

⁷ Graduanda em Filosofia pela UNIOESTE. Bolsista do PET Filosofia pela CAPES. E-mail: paola_sch@hotmail.com

⁸ Graduando em Filosofia pela UNIOESTE. Bolsista do PET Filosofia pela CAPES. E-mail: thiagolqueiroz@hotmail.com

⁹ Graduando em Filosofia pela UNIOESTE. Voluntário do PET Filosofia. E-mail: leonancosta18@gmail.com

¹⁰ Graduanda em Filosofia pela UNIOESTE. Bolsista do PET Filosofia pela CAPES. E-mail: vitória.nnss@gmail.com

Palavras-chave: Mulheres na Filosofia; Cânone Filosófico; Filósofas; História da Filosofia; Filosofia no Ensino Médio.

Abstract: The Didactic Philosophy Workshop, titled "Where Are the Women Philosophers?", emerges as an invitation for reflection on the historical gap of women in the philosophical canon. This inquiry not only highlights the systematic silencing of female voices but also questions the underlying structures that perpetuate such exclusion. Through a playful methodology, we encourage integration and reflective depth among participants, revealing significant contributions from philosophers of various eras to the fabric of the history of philosophical thought. With the intention of illuminating these often-overlooked presences, the workshop proposes a deep dive into the lives and works of women philosophers, whose groundbreaking ideas transcended the limits of their time. This dialogical space seeks not only to recognize but to reclaim the place of these thinkers in the philosophical narrative, challenging participants to reflect on the importance of incorporating these contributions into the current philosophical landscape, as well as in other domains of knowledge.

Keywords: Women in Philosophy. Philosophical Canon. Women Philosophers. History of Philosophy. Philosophy in High School.

Sugestão de público: Alunos de ensino fundamental e médio.

Duração da oficina: 2 horas/aula

Recursos didáticos:

- Caixa de som
- Livro "Dossiê As Pensadoras"
- Livros da coleção Os Pensadores
- Papeis Amassados
- Números para separação de grupos de 1 – 5
- Placas numeradas
- Papéis
- Canetas
- Lista de presença
- Câmera
- Roteiro com questões para promover a reflexão e o diálogo nos grupos
- Figurino

Objetivos:

- Provocar a reflexão em relação à ausência de filósofas na tradição filosófica;
- Questionar sobre as condições para o fazer filosófico;
- Tratar da invisibilidade das mulheres ao longo da história da filosofia;

- Introduzir algumas filósofas e suas contribuições para o pensamento filosófico;
- Provocar os participantes da oficina a refletirem sobre a importância da inserção das contribuições das mulheres na filosofia, na ciência, na literatura e em outros campos do saber.

Fundamentação teórica (contextualização histórica das filósofas)

Durante toda a história da filosofia notamos um fenômeno inquietante que tem sido observado e denunciado especialmente nas últimas décadas, nessa época que poderíamos chamar de redemocratização da audição do mundo. Esse fenômeno se trata, portanto, das vozes das mulheres, que pelo mero fato de serem mulheres, foram vezes após vezes silenciadas e seus pensamentos relegados às sombras do esquecimento. Uma trama intrincada de barreiras sociais, culturais e acadêmicas tem tecido um manto de invisibilidade em torno das contribuições femininas na filosofia. Desde a antiguidade, filósofas como Hipátia de Alexandria enfrentaram não apenas o desafio intelectual, mas também obstáculos sociais e preconceitos enraizados.

Grandes estudiosas da história da filosofia, como Sarah Hutton, Karen Green, Ruth Hagengruber, Jacqueline Broad têm visto esse fenômeno de exclusão sistemática das mulheres do cânone filosófico mais tradicional não como mero acaso histórico, mas um reflexo de estruturas de poder e normas patriarcais que moldaram a academia e o pensamento crítico. Esse cenário de exclusão envolve desde a falta de reconhecimento formal até a ausência de suas obras em coleções e discussões filosóficas. Esse panorama tem raízes profundas, vinculadas à percepção do papel da mulher na sociedade, frequentemente confinada aos limites domésticos e privados, em contraposição ao espaço público e intelectual historicamente reservado aos homens.

A jornada das filósofas é marcada, portanto, por uma luta constante contra o preconceito e a marginalização. O reconhecimento de suas contribuições e a inclusão de suas vozes na narrativa filosófica não é apenas uma questão de justiça histórica, mas um imperativo para enriquecer e diversificar o espectro do pensamento filosófico. Ao resgatar essas vozes, desvendamos um novo universo

de ideias, perspectivas e questionamentos que desafiam as fronteiras tradicionais da filosofia e abrem caminho para um entendimento mais amplo e inclusivo da realidade humana.

Apesar das barreiras históricas, algumas mulheres conseguiram se destacar na filosofia ao longo dos séculos. Por exemplo, filósofas como Hipátia de Alexandria, Simone de Beauvoir, Hannah Arendt e Martha Nussbaum contribuíram para o conhecimento filosófico, como também, trouxeram questões de gênero, igualdade e opressão para o centro do debate filosófico.

Contribuições das filósofas

A tapeçaria da filosofia é enriquecida e diversificada pelas contribuições de mulheres filósofas ao longo da história. Essas pensadoras não apenas exploraram os domínios tradicionais da filosofia, mas muitas vezes ampliaram o escopo do pensamento filosófico, abordando questões de gênero, ética, ciência, metafísica, religião, lógica e a própria natureza da existência humana. Apenas para demonstrar alguns exemplos dessas contribuições temos:

Hipátia de Alexandria no séc. V, que se destacou em um mundo dominado por homens, navegando com maestria pelos mares da matemática e da astronomia, além de suas contribuições filosóficas. Então uma das figuras mais multifacetadas e surpreendentes da Idade Média, Hildegard von Bingen que foi uma polímata que contribuiu não só para a filosofia, mas também para a música, a medicina e a teologia. Seu pensamento filosófico abrange desde visões místicas até explorações da natureza e do cosmos, refletindo uma compreensão profunda da interconexão entre todos os aspectos da vida. Depois, no século XVII, Margaret Cavendish, uma pioneira, desafiando os paradigmas dominantes da filosofia e da ciência. Sua obra se destaca pela originalidade e pela abordagem crítica ao mecanicismo. Cavendish não apenas introduziu questões filosóficas fundamentais sobre a natureza e o universo, mas também abriu caminho para a participação feminina em debates intelectuais, em uma época em que tal envolvimento era raro. Outra grande pensadora, figura chave durante a Revolução Francesa, Olympe de Gouges é amplamente reconhecida por seu ativismo político e sua defesa ardente dos direitos das mulheres. Sua obra mais

famosa, *A Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, é um marco no pensamento feminista, desafiando as noções de igualdade e liberdade da época e estabelecendo um novo padrão para a inclusão das mulheres na política e na sociedade. No século XX, Simone de Beauvoir e Hannah Arendt emergiram como figuras centrais, desafiando as noções tradicionais de liberdade, política e a condição feminina. Beauvoir, com *O Segundo Sexo*, não apenas delineou um panorama da opressão feminina, mas também forjou o caminho para o feminismo contemporâneo. Arendt, por outro lado, explorou a natureza do poder, do totalitarismo e da condição humana, oferecendo uma visão penetrante sobre as dinâmicas políticas e sociais. Por fim, podemos dizer que até hoje o pensamento filosófico feminino persiste e contribui significativamente para a sociedade, através de filósofas contemporâneas como Judith Butler, que é conhecida por suas teorias sobre gênero, sexualidade e identidade. Sua abordagem inovadora desafiou as noções tradicionais de gênero, propondo que tanto o gênero quanto a sexualidade são construções sociais e culturais. Suas ideias têm sido fundamentais para o desenvolvimento do feminismo contemporâneo e dos estudos de gênero, influenciando debates acadêmicos e sociais em todo o mundo.

232

Estas mulheres, e muitas outras, não foram apenas espectadoras da história filosófica; elas foram, e continuam sendo, suas coautoras, desafiando e redefinindo o entendimento do que significa pensar filosoficamente. Através de suas obras, elas convidam a uma reavaliação não só do cânone filosófico, mas do próprio ato de filosofar, demonstrando que a filosofia, em sua essência, deve ser para seu próprio bem, um diálogo contínuo e diversificado.

Relevância contemporânea e implicações das filósofas

Ao contemplarmos a relevância perene das filósofas, somos compelidos a reconhecer que a inclusão de suas perspectivas é essencial para uma compreensão holística e multidimensional da filosofia. Essa não é uma mera questão de diversidade representativa (que também é uma questão importante), mas sim uma necessidade intrínseca de capturar a totalidade da experiência humana em nosso discurso filosófico.

As filósofas, através de suas abordagens únicas e, muitas vezes, contestadoras, evidentemente fornecem insights cruciais sobre questões contemporâneas como ética, política, identidade e justiça social. Ao integrar suas vozes, desafiamos a narrativa dominante e expandimos nosso horizonte intelectual. Este ato de inclusão não é apenas uma reparação histórica, mas uma reafirmação do compromisso da filosofia com a busca pelo esclarecimento através da pluralidade de perspectivas. Além disso, ao estudar as filósofas, confrontamos-nos com a crítica implícita às estruturas de poder e ao status quo. Suas obras desafiam-nos a questionar nossas próprias premissas e a reconhecer as nuances e complexidades que frequentemente são ignoradas em abordagens filosóficas mais convencionais.

A discussão sobre mulheres na filosofia também deve considerar a diversidade de experiências e perspectivas das mulheres, levando em conta fatores como raça, classe, orientação sexual e identidade de gênero. A conceituação das mulheres na filosofia também inclui a análise crítica das visões tradicionais de gênero, poder e subordinação. Filósofas e filósofos têm questionado ideias tradicionais sobre a natureza e o papel das mulheres na sociedade (PACHECO, 2015).

Finalmente, a inclusão das filósofas nos currículos e nos debates filosóficos atuais representa um passo fundamental para a construção de uma sociedade mais igualitária e justa. Ao reconhecer e valorizar suas contribuições, incentivamos gerações futuras a questionar e a transcender as barreiras de gênero e outras formas de discriminação. Este é um convite não apenas para reavaliar o passado, mas para reimaginar o futuro da filosofia, uma disciplina eternamente aliançada a busca de compreensão, significado e justiça.

Estratégias para inclusão e visibilidade das filósofas

Para efetivar a inclusão e visibilidade das filósofas, é crucial adotar estratégias práticas e inovadoras. Primeiramente, é imperativo reformular os currículos acadêmicos para integrar as obras e ideias de filósofas de forma substancial e contextualizada. Além disso, a criação de plataformas dedicadas à

publicação e discussão de trabalhos filosóficos de mulheres pode proporcionar espaços de visibilidade e diálogo.

Outro aspecto essencial é o incentivo à pesquisa e ao estudo sobre filósofas em instituições acadêmicas e culturais. Isso inclui a concessão de bolsas de estudo e a organização de conferências e seminários que destaquem suas contribuições. Ademais, é vital promover uma abordagem interdisciplinar que interconecte a filosofia com outras áreas do saber, destacando a relevância das perspectivas femininas em diversos contextos.

Por fim, a educação filosófica desde os níveis mais elementares deve ser enriquecida com discussões sobre gênero e filosofia, preparando as novas gerações para uma compreensão mais inclusiva e igualitária da disciplina.

Roteiro de aplicação

A realização desta oficina é estruturada em um percurso que transita pela sensibilização, interação, problematização, e conceituação, engajando os participantes em uma experiência imersiva e reflexiva. A abordagem adotada visa desmantelar preconceitos e instigar a curiosidade intelectual, por meio de uma metodologia que alia o teatro à discussão filosófica, delineando assim, os contornos de uma experiência educativa transformadora.

234



1- Início da oficina didática (Arquivos da Oficina. N. do. E)

Etapa 1: recepção dos estudantes

A jornada se inicia quando os alunos chegam à Biblioteca Pública Municipal, local onde a oficina é aplicada. Na porta quatro estudantes

integrantes do PET (Programa de Educação Tutorial) dão as boas-vindas e os conduzem a uma cena cuidadosamente orquestrada para provocar desconforto e curiosidade: uma sala com várias mesas com papéis amassados, materiais jogados e cadeiras desordenadas. O caos intencional é então somado a uma bruta culpabilização das mulheres do grupo PET por não terem organizado a sala em tempo de a turma chegar. Então é dada a tarefa exclusivamente às mulheres do grupo de organizá-la; isso serve como metáfora inicial para o desequilíbrio e a subvalorização histórica das capacidades femininas. Enquanto isso, os petianos homens conduzem os alunos para outro ambiente da biblioteca, onde são dispostos diante de uma prateleira de livros de filosofia, onde se encontra a coleção “Os Pensadores”, o que prepara o terreno para a investigação subsequente.



2- Arquivos da Oficina

Etapa 2: interação com os alunos (as)

A segunda etapa deste percurso educativo inicia-se sob o signo da interação dialógica, onde a roda de conversa se estabelece como o palco para a revelação e o questionamento das premissas iniciais dos estudantes sobre quem são os filósofos. Esse momento é crucial, pois nele os participantes são confrontados com a memória coletiva dos filósofos tradicionalmente reconhecidos. Nomes como Sócrates, Platão, Aristóteles, Maquiavel e Schopenhauer, que ressoam nas paredes acadêmicas e na cultura popular são lembrados. A lembrança desses filósofos pelos alunos não é meramente um exercício de memória, mas um espelho refletindo as lacunas e os vieses da educação filosófica convencional.

Ao serem apresentados à coleção "Os Pensadores", um elemento cenográfico de livros empoeirados serve como metáfora visual potente da negligência e do esquecimento. A encenação segue com petianos adotando posturas e falas machistas, incumbindo as petianas da tarefa de limpar os livros – uma dramatização que visa não só a exposição do sexismo estrutural, mas também a provocação de um desconforto necessário entre os participantes. Esse desconforto é o prelúdio de uma reflexão mais profunda sobre as estruturas de poder e exclusão que permeiam o campo da filosofia e da sociedade como um todo.

Após essa etapa de sensibilização, um novo capítulo se desdobra com a introdução de um debate profundo e provocativo, conduzido por um petiano encarnando o filósofo Jean Jacques Rousseau. Esse momento é marcado pela exposição de visões machistas e opressoras sobre as capacidades intelectuais das mulheres, fundamentadas na obra *Emílio ou Da Educação*. Rousseau argumenta que as mulheres deveriam ser educadas de forma distinta, voltadas para a esfera privada, ou seja, o lar e os cuidados com os filhos, posicionamento esse que serve como alicerce para a justificativa da ausência feminina na coleção apresentada. Esse ato não apenas reproduz as ideologias de exclusão, mas também desafia os alunos a refletirem sobre as ramificações dessas ideias na marginalização das mulheres na filosofia e além. A encenação de Rousseau serve como catalisador para a desconstrução das narrativas tradicionais e a reavaliação crítica do legado filosófico, instigando um questionamento sobre os critérios de inclusão no cânone filosófico e as implicações dessas exclusões na compreensão contemporânea da filosofia.



3- Arquivos da Oficina

Etapa 3: problematização e investigação

O ponto de inflexão desse roteiro didático ocorre com a entrada inesperada de uma zeladora, um personagem que subverte as expectativas e introduz uma crítica veemente às noções preconcebidas e discriminatórias expostas até então. A zeladora, representando as vozes marginalizadas, intervém com autoridade moral, questionando as bases das afirmações machistas e desvelando a existência de um corpus alternativo de conhecimento, simbolizado pelo *Dossiê: As Pensadoras*, resgatado por baixo das prateleiras empoeiradas, o que representa o ocultamento de algo que esteve sempre presente. Esse momento é emblemático, pois marca a transição de uma crítica à exposição e celebração das contribuições femininas ao pensamento filosófico.

A apresentação de filósofas de diferentes épocas, encenadas pelas petianas, não é apenas uma introdução às suas vidas e obras, mas um ato de reivindicação do espaço que lhes é devido na história da filosofia. Cada filósofa, ao compartilhar sua história e pensamento, não só enriquece o tecido do discurso filosófico, mas também desafia os alunos a repensarem suas próprias concepções sobre o que constitui a filosofia e quem tem o direito de ser reconhecido como filósofo. Esse diálogo entre as filósofas e os alunos é um convite à reflexão crítica e ao questionamento das estruturas de exclusão, encorajando uma reavaliação não só do cânone filosófico, mas do próprio ato de filosofar.

237



4- Arquivos da Oficina

Etapa 4: conceituação

Ao término da vivência teatral, um momento de introspecção coletiva se desenrola: todos os oficinairos vão até a frente dos alunos para se apresentarem e compartilham as intenções por trás da encenação dos comportamentos machistas e retrógrados manifestados durante a atividade. Esse compartilhamento não é meramente explicativo, mas profundamente reflexivo, convidando os alunos a mergulharem nas complexidades e sutilezas das atitudes expostas, e a considerarem as ramificações destas na perpetuação da exclusão de vozes femininas na filosofia e além. A interrogação dos sentimentos e reações dos participantes diante das cenas apresentadas serve como um espelho, refletindo não apenas as reações individuais, mas também as estruturas sociais e culturais que moldam tais respostas.

Em seguida, ao introduzirem suas experiências pessoais no estudo da filosofia, os oficinairos tecem uma conexão mais íntima com os alunos, diluindo as barreiras entre educadores e educandos, e promovendo um diálogo genuíno e bidirecional. Este momento de partilha visa não somente humanizar os instrutores, mas também ilustrar a jornada filosófica como uma experiência vibrante e multifacetada, repleta de questionamentos, descobertas e, por vezes, confrontos.

Portanto, a subsequente orientação leva os alunos para outro ambiente, onde são divididos em grupos aos quais é entregue um questionário, elaborado não como um exercício burocrático, mas como uma convocação ao pensamento crítico e à introspecção profunda. As perguntas, cuidadosamente escolhidas, são destinadas a incitar uma reflexão rigorosa sobre a temática da oficina, desafiando os alunos a articularem suas compreensões, inquietações e perspectivas emergentes. Esse processo revela o desconforto e a inquietação gerados pela atividade, especialmente notáveis entre as estudantes, que encontram nesse espaço uma oportunidade para vocalizar suas vivências e percepções sobre a posição das mulheres na filosofia e na sociedade.

A formação de pequenos grupos para o debate das questões propostas transforma o ambiente educacional em um fórum de discussão viva e construtiva. Nesse contexto, os alunos são encorajados a compartilhar suas reflexões, escutar ativamente e contribuir para uma construção coletiva de conhecimento. Esse

intercâmbio fomenta a empatia, o respeito mútuo e a valorização de perspectivas divergentes, constituindo um microcosmo de uma comunidade filosófica ideal, onde a diversidade de pensamento é não apenas tolerada, mas celebrada.

O feedback positivo dos estudantes acerca da organização e execução da oficina atesta o impacto transformador da experiência. A manifestação de desconforto genuíno, longe de ser um indicativo de falha, é reconhecida como um sinal de engajamento profundo e reflexão autêntica. A riqueza do debate suscitado reflete o sucesso da iniciativa em provocar questionamentos substanciais e promover uma investigação enriquecedora sobre os temas explorados. A etapa de conceituação, assim, não conclui a jornada da oficina, mas semeia as questões para futuras contemplações e diálogos, evidenciando a filosofia como um campo vivo, dinâmico e incessantemente evolutivo, no qual cada voz tem o potencial de contribuir para a expansão do horizonte do conhecimento humano.

Roteiro das filósofas

Hildegard Von Bingen:

Abençoados sejam, amados irmãos, que aqui se encontram neste iluminado templo de conhecimento! Meu nome, desconhecido para muitos entre vós, é Hildegard Von Bingen. Nasci na Alemanha durante o período medieval. Aos cinco anos de idade, fui entregue a um convento, onde vivi e adquiri grande parte do conhecimento que possuo sobre literatura, religião e medicina, graças à minha falecida mãe Jutta.

Após a sua morte, fui eleita mãe, pois exige que a escolha fosse decidida por votação entre todas as minhas irmãs. Nesse mesmo período, já beirando meus 40 anos, experimentei uma das minhas visões, intensa como se uma luz calorosa e mais que luminosa invadisse o meu ser, revelando-me o meu chamado. Fui destinada a escrever sobre as verdades transmitidas por Deus, e apesar das tentativas de impedir-me, lutei, mesmo com minha saúde frágil, para cumprir meu propósito divino, resultando na minha primeira obra.

Minha jornada não terminou aí. Antes disso, percebi a disparidade entre homens e mulheres em conventos mistos. As mulheres eram severamente punidas por seus erros, enquanto os homens, mesmo igualmente falíveis, e às vezes mais, escapavam do mesmo destino. Diante disso, lutei novamente, fundando meu próprio mosteiro, enfrentando inicialmente escasso apoio, erguendo aquele espaço de segurança e contemplação desde a primeira pedra, ao lado das minhas irmãs.

Após essa empreitada, embarquei em peregrinações, levando a mensagem por mim interpretada a uma parcela mais ampla da população, não apenas a um público leitor seletivo. Este é um breve resumo da minha história. Lutei desde sempre para proteger, aprender e, por vezes, simplesmente existir. Contudo, apesar de todas as dificuldades, tornei-me mais forte, pois o amor divino é caloroso e misericordioso.



5- Acadêmica Vitória encenando Hildegard Von Bingen (Arquivos da Oficina)

Margaret Cavendish:

Eu sou Margaret Cavendish, filósofa moderna do século XVII. Nasci em 1623 e faleci em 1673. Minha obra contém onze volumes e reivindiquei um espaço pouco ocupado por mulheres na minha época: nos debates filosóficos e científicos. Meu pensamento está centrado nos princípios da filosofia natural, isto é, com a descrição e explicação dos fenômenos naturais. Nesse sentido, procurei me concentrar na compreensão da natureza em sua totalidade, incluindo os seres humanos como uma parte desse todo. Minha filosofia contribui para a sociedade

ao mostrar um modelo alternativo e sofisticado de explicação da realidade, se contrapondo ao mecanicismo que acabou prevalecendo na modernidade.



6- Acadêmica Amanda encenando Margareth Cavendish. (Arquivos da Oficina)

Olympe de Gouges:

Meu nome é Olympe de Gouges, eu nasci na França em 1748, me tornei conhecida pelas minhas produções de textos e peças teatrais, nas quais eu explorava temas com grande teor político social. Fiquei reconhecida entre a burguesia pelas minhas produções, mas como eu mencionei, eu explorava temas que atacavam diretamente a elite.

Um dos exemplos que posso citar, é minha peça teatral *Zamora et Mirza*, na qual busquei demonstrar da maneira mais vívida os costumes e cultura das pessoas negras, e nada mais justo do que contratar atores protagonistas negros.

Gostaria de lembrar vocês que 1789 a França era responsável pelo maior mercado de tráfico negreiro da Europa, um orgulho que se fundamentava na morte de mais de quinhentas mil pessoas.

Enfrentei muitas lutas, isso inclui meu posicionamento frente a igualdade de gênero. Em resposta ao documento “A declaração dos direitos do homem e do cidadão, publiquei um documento intitulado “A declaração do direito das mulheres e da cidadã”.

A *declaração do homem e do cidadão* visava os direitos civis, sociais e políticos da sociedade, porém era visível que esses direitos só se aplicavam ao homem branco e burguês, então na minha declaração, eu coloco a mulher como sendo o foco principal, reivindicando seus direitos, iguais ao dos homens.

E é claro que meu posicionamento e ideias incomodaram muitas pessoas poderosas da época. Meu pensamento foi considerado revolucionário demais, então em 1793 fui condenada à morte pela guilhotina, acusada de traição ao governo revolucionário.



7- Acadêmica Larissa encenando Olympe de Gouges. (Arquivos da Oficina).

Martha Nussbaum:

Eu sou a Martha Nussbaum, uma filósofa, pensadora e escritora dos tempos atuais. Nasci em 1947 nos Estados Unidos e me interessei por estudar a Filosofia Clássica e outros pensadores. Hoje questiono a educação na defesa da democracia pois me preocupa a retirada de matérias consideradas "não lucrativas" que desumanizam a população transformando-a em máquinas para o crescimento do lucro do mercado. Trato esse tema no meu livro *Sem fins lucrativos*.

Aqui defendo que devemos resistir às tentativas de reduzir o ensino a uma ferramenta voltada apenas para o mercado do lucro, e que precisamos nos esforçar para conectar novamente a educação às humanidades, a fim de dar aos estudantes a capacidade de ser verdadeiros cidadãos democráticos de seu país e do mundo.

Além do conhecimento de matérias como Filosofia, História, Sociologia, Literatura e as Artes em geral, que ampliam a nossa visão para o mundo em que vivemos, eu defendo que todas as pessoas devem receber os mesmos direitos independente de seu sexo, raça, religião ou nacionalidade.

Meu pensamento é que, para alcançarmos um mundo mais justo e melhor, é necessário incentivarmos a empatia e defendermos uma vida digna para todos.

Não apenas todos os seres humanos ao redor do mundo, mas também para toda a fauna, a flora e o meio ambiente em todo o planeta.



8- Profª Nelsi encenando Martha Nussbaum. (Arquivos da Oficina)

Avaliação da oficina - resultados esperados:

A oficina, por meio da sua dramaturgia envolvente e interativa, não apenas ilustrou o impacto monumental das filósofas ao longo da história da filosofia, mas também serviu como um catalisador para uma reflexão mais profunda sobre o papel e a visibilidade das mulheres no âmbito filosófico. A avaliação, concebida como um processo reflexivo e proativo, visa transcender a mera sensibilização, impulsionando os alunos a não apenas reconhecerem, mas também a se engajarem ativamente na superação dos obstáculos históricos e contemporâneos que as mulheres enfrentam no campo do pensamento crítico e acadêmico.

A avaliação seguirá da seguinte maneira:

I. Reflexão coletiva e estratégias de visibilidade

Inicialmente, a experiência em grupo fomentará uma discussão coletiva, incentivando os alunos a conceberem estratégias inovadoras e pragmáticas para aumentar a visibilidade das mulheres em diversas esferas do conhecimento, sejam elas filósofas, cientistas, escritoras ou acadêmicas. Essa etapa é crucial, pois estimula não apenas o pensamento crítico, mas também a empatia e a solidariedade, encorajando os participantes a visualizarem e a implementarem mudanças concretas que promovam a equidade e o reconhecimento de contribuições femininas.

II. Elaboração colaborativa de estratégias

Cada grupo, identificado por números previamente atribuídos, será desafiado a articular suas propostas dentro de um tempo estipulado. Esse momento de colaboração e criação coletiva tem o objetivo de catalisar a participação ativa de cada membro, valorizando a diversidade de ideias e a co-criação de soluções. A interação entre os participantes não só fortalece laços comunitários, mas também reflete a importância do trabalho conjunto na construção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

III. Apresentação e Discussão das Propostas

Em seguida, cada grupo apresentará suas estratégias, em formatos que podem variar conforme a decisão coletiva, seja por meio de exposição oral ou escrita. Os facilitadores da oficina, juntamente com as representantes das filósofas, estarão disponíveis para orientar e ampliar as discussões, garantindo que o processo seja enriquecedor e produtivo, sem, contudo, sobrepor-se às ideias dos alunos. Esse cuidado assegura que a avaliação seja um reflexo autêntico do entendimento e da criatividade dos participantes, ao mesmo tempo que respeita a autonomia e a originalidade de suas propostas.

Essa fase avaliativa não se limita a mensurar o grau de compreensão dos participantes sobre as questões de exclusão e desrespeito historicamente direcionados às mulheres na filosofia. Ela aspira, sobretudo, a incentivar a elaboração e a implementação de iniciativas que tenham um impacto significativo e duradouro no reconhecimento e na valorização das contribuições femininas, transcendendo as fronteiras da filosofia para abraçar uma gama mais ampla de disciplinas e contextos sociais. Além disso, propõe uma reflexão sobre a interseccionalidade, abordando como gênero, etnia, classe social e orientação sexual se entrelaçam nas experiências vividas pelas mulheres no âmbito acadêmico e além.

Referências

BYNUM, Caroline Walker. Prefácio à edição brasileira do *Scivias*. In: HILDEGARD DE BINGEN. *Scivias (Scito vias Domini): conhece os caminhos do Senhor*. Trad. Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulus, 2015. p. 9-19.

WELTER, N. K. / CARVALHO, A. V. M. F. / SILVA, A. M. W. / GONÇALVES, E. A. A. S. /
TRUCCOLO, J. F. O. / CORDEIRO, L. C. / SANTOS, P. C. S. / QUEIROZ, T. L. / DA COSTA, L. C.
/ DE SOUZA, V. N. S.

GOUGES, OLYMPE. *Declaração Dos Direitos Da Mulher e Da Cidadã*. Rachel de Vico, 2021.

NUSSBAUM, M. *Sem fins lucrativos: Por que a democracia precisa das humanidades?* Trad Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

PACHECO, JULIANA. *Mulher & Filosofia*. Porto Alegre: FI, 2015.

PRICLADNITZKY, P.; CARVALHO, A. V. M. F.; SALLES, O. *Margaret Cavendish: uma introdução à sua filosofia da natureza*. Em: WELTER, N. K.; PRICLADNITZKY, P. (Org.). *Dossiê As Pensadoras*: vol. 2. 1. ed. Toledo - PR: Instituto Quero Saber, 2023, p. 125-149.

PRIMO, Marcelo de Sant'Anna Alves. *Reflexões sobre os negros*, Olympe de Gouges. *Philia*, Universidade Federal de Sergipe, Vol 2, n 2, p 1-15, novembro, 2020.

ROUSSEAU, J-J. *Emílio ou Da Educação*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Bertrand Brasil, 1992.

SILVA, Helenice Vieira da. *As Mulheres na Filosofia: - Idade Média e Renascença*. Volume II. 1. ed. São Paulo: Nova Acrópole, 2022. p. 61.

WELTER, Nelsi Kistemacher & CUNHA, Junior (org.). *Dossiê As Pensadoras*. E-book. Toledo, PR: Instituto Quero Saber, 2021.

WELTER, Nelsi Kistemacher & PRICLADNITZKY, Pedro (org.). *Dossiê As Pensadoras - vol. 2*. E-book. Toledo, PR.: Instituto Quero Saber, 2023.

245

Submissão: 11. 02. 2024 / Aceite: 12. 02. 2024